



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS LINGUAGEM
CURSO DE LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA

MARCILENE DO SOCORRO PINHEIRO DE SOUZA

**MEMORIAL ACADÊMICO: TRAJETÓRIAS E DESAFIOS NO ENSINO-
APRENDIZAGEM DE UMA ALUNA DO CURSO LETRAS-LÍNGUA
PORTUGUESA**

Abaetetuba-PA

2025

MARCILENE DO SOCORRO PINHEIRO DE SOUZA

**MEMORIAL ACADÊMICO: TRAJETÓRIAS E DESAFIOS NO ENSINO-
APRENDIZAGEM DE UMA ALUNA DO CURSO LETRAS-LÍNGUA
PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências da Linguagem, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Língua Portuguesa.

Orientadora: Dr.^a Camille Cardoso Miranda

Abaetetuba-PA

20225

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

P654m Pinheiro de Souza, Marçilene do Socorro.
MEMORIAL ACADÊMICO: TRAJETÓRIAS E DESAFIOS
NO ENSINO- APRENDIZAGEM DE UMA ALUNA DO CURSO
LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA / Marçilene do Socorro
Pinheiro de Souza. — 2025.
24 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Camille Cardoso Miranda
Trabalho de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Língua Portuguesa,
Abaetetuba, 2025.

1. Trajetória escolar . 2. Memorial . 3. Alfabetização . I.
Título.

CDD 469.07

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2. Trajetória escolar: Reencontro com as memórias escolares	5
2.2 <i>Trajetória anos iniciais</i>	7
2.3 Trajetória do ensino fundamental.....	10
2.4 Trajetória do ensino médio	12
3 Memórias acadêmicas no ensino superior.....	15
3.1 O estudo remoto na pandemia e depois dela	16
Considerações Finais.....	23
Referências	24

1 Introdução

O presente memorial tem a finalidade de relatar um pouco da minha trajetória de estudos durante esses anos que vão desde a fase inicial de alfabetização até a conclusão da graduação, relatos de um percurso que cheios de aprendizados e desafios

Este memorial evidencia que a educação não era algo acessível ou prioritário ao longo da minha trajetória. Na verdade, estudar representava uma escolha difícil entre permanecer na escola ou ingressar precocemente no mercado de trabalho, e muitos acabavam optando pela segunda alternativa, pois precisavam garantir sua própria subsistência.

Meus pais, infelizmente, não puderam concluir seus estudos, tampouco tiveram acesso ao ensino superior. Ainda assim, dentre os oito irmãos, apenas minha irmã e eu conseguimos alcançar a esfera acadêmica. É esse percurso singular que busco apresentar e refletir ao longo deste memorial.

Segundo Oliveira (2012, p.121), o memorial é “um documento escrito relativo à lembrança, à vivência de alguém, memórias”. A autora ainda ressalva que ele deve conter um breve relato sobre a história de vida pessoal, profissional e cultural do memorialista; por isso mesmo é escrito com o uso da primeira pessoa (cf. Oliveira, 2012). Oliveira explícita para que o memorial serve e assinala que ele é importante para auxiliar na elaboração do TCC, porque é um “recurso para o levantamento de dados durante o curso universitário”.

Este Trabalho de Conclusão de Curso constitui um memorial acadêmico que reflete minha trajetória e os desafios vivenciados ao longo do meu processo de ensino-aprendizagem como aluna do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba. Neste documento, descrevo meu percurso educacional, desde o período de alfabetização até o ingresso no ensino superior, destacando as experiências, escolhas e aprendizagens que contribuíram para a construção da minha formação acadêmica e pessoal.

Além desta introdução, este memorial está organizado em três seções principais. Na Seção 2 – Trajetória escolar: Reencontro com as memórias escolares, descrevo meu percurso na educação básica, dividido em três subseções. Na Seção 2.2 – Trajetória nos anos iniciais, recupero as primeiras lembranças do processo de alfabetização e as experiências que marcaram meu ingresso na vida escolar. Na Seção 2.3 – Trajetória do

Ensino Fundamental, apresento os desafios e aprendizados que consolidaram minha formação acadêmica nesse período. Já na Seção 2.4 – Trajetória do Ensino Médio, discuto as vivências, responsabilidades e decisões que influenciaram diretamente meu futuro educacional.

A Seção 3 – Memórias acadêmicas no ensino superior aborda minha entrada no curso de Letras e o desenvolvimento da minha identidade acadêmica. Na subseção 3.1 – Estudo remoto na pandemia, relato as dificuldades, adaptações e transformações ocorridas durante o ensino remoto, especialmente no contexto da COVID-19. Por fim, em Considerações finais, retomo os principais pontos discutidos ao longo do memorial, refletindo sobre o impacto dessa trajetória em minha formação pessoal, acadêmica e profissional

2. Trajetória escolar: Reencontro com as memórias escolares

A trajetória escolar no Quilombo Alto Itacuruçá teve início na década de 1960, com a fundação da Vila Nazaré. Diferente do que ocorreu com meus pais, meus irmãos e eu tivemos a oportunidade de estudar na região. Pois bem, meu nome é Marcilene do Socorro Pinheiro de Souza, tenho 37 anos, nascida em 22 de maio de 1988 e criada na Comunidade Nossa Senhora de Nazaré, situada no Quilombo Alto Itacuruçá, localizado nas ilhas de Abaetetuba. Sou filha de Maria Madalena de Souza Pinheiro e Manoel de Jesus Pinheiro, ambos lavradores, descendentes de quilombolas e indígenas, cujas histórias e raízes identitárias marcaram profundamente minha formação e meu percurso educacional.

Meu pai Manoel de Jesus Pinheiro trabalhava como lavrador e carpinteiro fazendo canoas desde os seus 14 anos, profissão essa que aprendeu com seu pai que era descendente de quilombolas, sendo esse um dos meios de sustentar a família. Ofício esse que exerceu até sua aposentadoria e por conta da chegada dos barquinhos os chamados rabudos, não houve muita procura e encomenda de canoas, ele parou de fazer, agora só trabalha na roça. O fato de meu pai não ter



estudo, não significa que ele não seja letrado. De acordo com Soares (2003), ser letrado não se resume à escolarização formal, mas à capacidade de participar de práticas sociais

de leitura e escrita no contexto em que se vive. Assim, mesmo pessoas que não frequentaram a escola podem desenvolver formas próprias de letramento, construídas nas interações sociais, no trabalho, na comunidade e nas experiências de vida.

Nesse sentido, meu pai, embora não tenha concluído seus estudos, sempre utilizou saberes, estratégias e conhecimentos que demonstram sua inserção em práticas sociais de linguagem, seja na organização do trabalho, na comunicação familiar, na participação comunitária ou no manejo dos recursos naturais, evidenciando formas legítimas de letramento que vão além do domínio formal da escrita.

Minha mãe, Maria Madalena de Souza Pinheiro, trabalhava como lavradora, dedicando-se à produção de farinha de mandioca para sustentar os filhos, pois a vida era financeiramente difícil. Infelizmente, devido a essas condições, não foi possível que ela continuasse seus estudos. Casou-se muito jovem e, aos 16 anos, teve sua primeira filha, vindo posteriormente a ter, ao todo, oito filhos.



Essa era também a realidade de muitas famílias que, por falta de recursos ou apoio, precisavam interromper a escolarização para garantir o sustento de seus filhos. Alguns anos depois, com a implementação da modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) na escola da comunidade, minha mãe teve finalmente a oportunidade de retomar os estudos.

A EJA constitui uma política pública voltada para pessoas que não puderam concluir a educação básica na idade considerada adequada, oferecendo a jovens, adultos e idosos uma nova chance de escolarização. De acordo com Freire (1996), a educação de pessoas jovens e adultas deve reconhecer a bagagem cultural que esses sujeitos carregam, valorizando seus saberes e histórias de vida. Nessa perspectiva, a EJA busca garantir o direito à escolarização por meio de um ensino mais flexível, capaz de atender indivíduos que conciliam estudo, trabalho e responsabilidades familiares. Graças a essa oportunidade, minha mãe retomou sua trajetória escolar e concluiu o Ensino Fundamental, reconhecendo o valor da educação em sua vida e na formação dos filhos.

Antigamente, o acesso à educação na comunidade era bastante limitado, pois não havia escola estruturada. Os alunos precisavam deslocar-se de canoa até uma casa cedida

pelos moradores, onde as aulas eram improvisadas. Outra dificuldade enfrentada era a ausência de merenda escolar. Cada estudante levava um pouco de farinha para preparar mingau, garantindo assim algo para lanche durante o período de estudos. Naquela época, a oferta de ensino no local chegava apenas até a 4ª série do Ensino Fundamental. Apenas aqueles que possuíam melhores condições financeiras conseguiam ir para a cidade continuar os estudos até a conclusão do Ensino Médio.

2.2 Trajetória anos iniciais

Minha trajetória escolar teve início com a Pré escola, na escola Nossa Senhora de Nazaré, está situada na comunidade Quilombola Alto Itacuruçá, uma escola com uma estrutura pequena com apenas duas salas, por conta disso algumas turmas estudavam em casas cedidas e na barraca comunitária. Nossas aulas eram basicamente pintura e brincadeiras como ciranda, dança da cadeira entre outras, cantávamos muitas musiquinhas e a que era mais esperada era “*comer comer*”, avisando que era hora de ir para o intervalo lanche.

Após a Pré-Escola, ingressei no processo de alfabetização, momento em que passei a ter contato mais sistemático com a leitura por meio dos textos presentes nos livros didáticos. Estudava no período da manhã e, à tarde, frequentava outra turma com minha tia, que também era professora. Essa dupla inserção escolar possibilitou um desenvolvimento mais acelerado, tanto na escrita quanto na leitura, tornando esse período fundamental para minha formação inicial. Foi graças ao incentivo constante de minha tia que meu interesse pela leitura se consolidou. Ela me emprestava seus livros para que eu levasse para casa, inicialmente obras de contos de fadas e, com o tempo, também romances que ela possuía. Assim, quando cheguei à primeira série, já sabia ler e escrever, o que contribuiu para que eu não enfrentasse grandes dificuldades nos primeiros anos escolares.

Além disso, o fato de minha casa ser próxima à escola favorecia minha frequência e participação nas atividades. Minha professora responsável nessa etapa era Maria da Conceição. Sua metodologia de ensino era centrada na alfabetização, com grande ênfase na leitura, na gramática tradicional e em atividades que valorizavam elementos da própria região. Muitas vezes, utilizava objetos da natureza como recursos didáticos, facilitando a compreensão dos conteúdos e tornando o processo de ensino-aprendizagem mais significativo. De acordo com Ferreiro (1985), o processo de alfabetização envolve a construção ativa do conhecimento sobre o sistema de escrita, na qual a criança interpreta,

experimenta e atribui sentido ao que aprende. Nesse sentido, as práticas desenvolvidas pela professora e o incentivo familiar contribuíram para que eu pudesse construir meu aprendizado de forma autônoma e significativa, fortalecendo minha compreensão sobre a leitura e a escrita desde cedo.

Nessa época, ainda não havia energia elétrica na comunidade, o que impedia o acesso a qualquer recurso tecnológico. Nosso material de estudo se limitava aos livros e aos cadernos, e não existiam trabalhos impressos. Todas as atividades eram feitas manualmente em folhas pautadas ou, quando necessário, utilizávamos papel carbono para produzir cópias. Apesar das limitações, participávamos de diversas atividades escolares, especialmente nas datas comemorativas, como apresentações de dança nas festas juninas e encenações natalinas. Porém, a atividade de que eu mais gostava eram as viagens organizadas pela escola durante a Semana da Criança, quando os alunos eram levados para participar de brincadeiras e recebiam brinquedos, tornando aquele um momento muito especial e marcante da infância.

Esse processo de aprendizagem e alfabetização foi extremamente significativo, especialmente em uma comunidade onde nem todos tiveram a oportunidade de acessar uma educação digna. Muitos precisavam trabalhar na roça, ajudando os pais para garantir o sustento da família, enquanto outros se casavam muito cedo e abandonavam os estudos para assumir responsabilidades domésticas e laborais. Nesse contexto, permanecer na escola representava não apenas um esforço individual, mas também uma conquista diante das dificuldades sociais e econômicas que marcavam a realidade de grande parte da população local. De acordo com Freire (1996), a educação precisa ser entendida como um direito humano fundamental e como um instrumento de transformação social, capaz de modificar realidades historicamente marcadas pela desigualdade. Para o autor, a escola deve reconhecer os sujeitos em sua integralidade, considerando seus contextos de vida, seus saberes e suas vivências.

Nessa mesma perspectiva, Arroyo (2011) destaca que muitas trajetórias educacionais interrompidas nas áreas rurais não resultam da falta de interesse dos estudantes, mas das condições materiais e sociais que limitam o acesso, a permanência e a continuidade dos estudos. Assim, o processo educacional nessas comunidades deve ser analisado levando em conta os desafios concretos enfrentados pelas famílias, como o trabalho precoce, a ausência de políticas públicas e a desigual distribuição de oportunidades. Dessa forma, meu percurso escolar ganha ainda mais sentido quando

compreendido dentro desse cenário, em que a educação se torna não apenas uma etapa da vida, mas uma conquista social e pessoal frente às adversidades.

Estudei até a quarta série na escola da comunidade. Sendo esse último ano na escola nova que foi construída e já tinham quatro salas, banheiros, cozinha, biblioteca, sala de direção e secretaria. Melhores condições para ter um aprendizado melhor. Minha professora dessa turma era Maria das Graças, o foco da professora era bastante nas disciplinas de matemática e português, com bastante leitura e interpretação de texto, e muitas cópias de textos como dever de casa. Não gostava muito, mas com o passar do tempo pude notar que aquelas horas de estudo extra me ajudaram durante meu aprendizado, pois as cópias de textos me ajudavam bastante na fixação de conteúdos e no aprimoramento de minha caligrafia que melhorou durante esse período.

Quando eu tinha doze anos, meu irmão caçula foi diagnosticado com câncer no olho. A partir desse momento, meus pais passaram a se deslocar frequentemente para Belém para que ele pudesse realizar o tratamento. Esse período foi muito difícil para nossa família, pois muitas vezes ficávamos em casa dependendo da ajuda de parentes para nos alimentar. Meu outro irmão, então com quatorze anos, também trabalhava para ajudar a garantir comida para nós. Em diversas ocasiões, meus pais precisavam permanecer o mês inteiro em Belém, já que não tinham condições de ir e voltar diariamente. Além das dificuldades financeiras, o acesso ao transporte era extremamente precário. Para conseguir chegar à estrada, era necessário ir de bicicleta até o ponto onde passava o ônibus, pois, naquela época, ainda não existia linha de transporte regular na comunidade; havia apenas um caminho que dava acesso à estrada do Pontilhão.

Essa situação impactou profundamente minha rotina escolar e minha vivência emocional. Enquanto outras crianças frequentavam a escola com mais tranquilidade, eu e meus irmãos precisávamos conciliar os estudos com as responsabilidades assumidas em casa durante a ausência de nossos pais. Muitas vezes, era difícil manter a concentração, pois o medo e a preocupação com o estado de saúde do meu irmão faziam parte do nosso cotidiano. Ainda assim, procurávamos seguir com os estudos, entendendo que a educação poderia representar novas possibilidades para o futuro.

Além disso, essa experiência nos tornou mais maduros e conscientes das dificuldades enfrentadas por muitas famílias da região, que, como a minha, lidavam simultaneamente com questões de saúde, limitações financeiras e falta de acesso a serviços básicos. Essa vivência reforçou em mim o valor da solidariedade, do apoio familiar e comunitário e da importância de persistir, mesmo diante de cenários adversos.

Apesar de todos os obstáculos, continuar estudando foi uma forma de resistência e esperança, pois representava a crença de que, por meio da educação, seria possível transformar nossa realidade e construir caminhos diferentes daqueles que historicamente haviam se imposto às gerações anteriores da comunidade.

2.3 Trajetória do ensino fundamental

Quando passei para a quinta série, ingressei na Escola Manoel Pedro Ferreira, localizada no Médio Itacuruçá. Ali, encontrei um contexto escolar completamente diferente daquele ao qual estava acostumada, pois o ensino era organizado no formato modular. Esse modelo representou uma mudança significativa em relação às minhas experiências anteriores, exigindo novas formas de adaptação e compreensão do processo de aprendizagem.

Estudava no período da manhã e, para chegar à escola, utilizava como meio de transporte a canoa, em um percurso que durava aproximadamente uma hora. Durante esse trajeto, enfrentei diversas dificuldades. Em dias de chuva, o deslocamento se tornava ainda mais desafiador e, em outras ocasiões, era necessário remar contra a maré, o que tornava o percurso cansativo, sobretudo na volta, por volta do meio-dia. Houve muitas situações em que a canoa alagava e era preciso continuar a viagem mesmo molhada, para não perder a aula. Esses desafios demonstravam não apenas as limitações de acesso enfrentadas pelos estudantes da região, mas também o esforço diário necessário para garantir a continuidade dos estudos, mesmo diante de condições tão adversas.

O SOME (Sistema Modular de Ensino) é uma modalidade que garante escolaridade em áreas longínquas do Estado, levando o ensino médio às localidades distantes da sede do município. Trata-se de um sistema pensado para comunidades onde não é viável construir uma escola com toda a estrutura do ensino regular, pois a demanda de alunos é pequena. O SOME funciona por meio de parceria: o município disponibiliza o espaço físico da escola, enquanto a SEDUC (Secretária Estadual da Educação) oferece professores, alimentação escolar e outros recursos pedagógicos necessários para o funcionamento do ensino.

Estudei durante dois anos nessa escola nos anos de 2002 e 2003, quanto a estrutura da escola não era tão diferente, nossa turma estudava na barraca da comunidade, por conta que não tinha sala suficiente para todas as turmas, então era dividido a barraca para estudar algumas turmas. Quanto ao estudo foi uma experiência nova diferente do que estava acostumada, com disciplinas novas que nunca tinha estudado uma das disciplinas foi inglês que até o momento não tinha tido nenhum contato e pessoas que nunca tinha

visto, no meu segundo ano nessa escola minha turma estudou a tarde, em uma sala já na escola.

Entre essas novas experiências que tive, uma delas foi as apresentações de teatro que tínhamos na aula de arte, como a vez que representamos a pequena sereia para ganhar pontos para a disciplina. O ensino nessa escola era modular, onde cada módulo estudávamos algumas disciplinas, tinha bastante falta de professores. Um das aulas que mais gostava eram as de arte, onde utilizávamos materiais de pintura como cartolina e tintas, lembro que fizemos a reprodução de Abaporu obra de Tarsila do Amaral, e também gostava das aulas de educação física que o professor nos levava para o campo.

Em 2004, não suportando mais aquela situação, matriculei-me na Escola Pedro Teixeira, localizada na cidade de Abaetetuba, para cursar a sétima série no turno da manhã. Para conseguir chegar à escola, eu precisava primeiro ir de bicicleta até a estrada, onde pegava o transporte escolar. Acordava às três horas da manhã, especialmente nos dias de chuva, pois o trajeto se tornava ainda mais difícil: o ramal atolava e o acesso ficava complicado. Em alguns trechos era necessário descer da bicicleta e seguir caminhando, já que não era possível pedalar.

Mais uma vez, vivi uma realidade diferente. O ensino agora era regular, com pessoas novas, outros professores, e precisei fazer novas amizades e me adaptar a essa nova rotina. No início, tive dificuldades de adaptação, pois a metodologia de ensino era diferente: não era mais modular, mas sim regular, com várias disciplinas no mesmo dia e horários definidos para cada uma, completamente diferente do modelo a que eu estava habituada. Entre os vários professores que conheci nesse período, uma em especial teve grande importância na minha trajetória: a professora de Língua Portuguesa, Antonete. Além de me auxiliar na disciplina, ela também demonstrou preocupação com minha rotina e minhas condições de estudo. Sabendo que, muitas vezes, eu saía de casa sem tomar café da manhã, ela me convidava diariamente para tomar café em sua casa antes das aulas.

Quando eu precisava permanecer na escola no período da tarde para realizar trabalhos e atividades, ela também me oferecia almoço, e, em algumas ocasiões, cheguei a dormir em sua residência quando as circunstâncias exigiam. Tanto ela quanto seu esposo e seus filhos sempre me acolheram com carinho e respeito. Sou profundamente grata por toda a ajuda, cuidado e apoio que recebi nessa fase da minha vida.

2.4 Trajetória do ensino médio

Ao ingressar no Ensino Médio, percebi uma grande diferença em relação ao Ensino Fundamental, especialmente pela mudança das disciplinas, que se tornaram mais complexas e desafiadoras, o que exigia maior dedicação, principalmente na realização das provas. Durante esse período, tive bastante dificuldade com a disciplina de Química, pois, apesar de me esforçar, não conseguia compreender plenamente os conteúdos.

Cursava o Ensino Médio no turno da manhã até o segundo ano. Entretanto, na metade de 2007, precisei mudar para o turno da tarde, pois engravidei e já não me sentia bem estudando pela manhã. Além disso, o deslocamento fazia com que eu chegasse em casa muito tarde, o que tornou a mudança de turno necessária. E novamente tive que me adaptar a uma nova turma e fazer novas amizades para assim prosseguir meus estudos e conseguir concluir mais um ano.

Durante meu estudo nessa escola participei de algumas atividades para ganhar pontos entre elas peças de teatro, trabalhos em grupos aos quais íamos para a biblioteca pública para pesquisar os trabalhos, pois não tínhamos acesso a internet. E nessa época eu não tinha um celular onde poderia fazer pesquisa e trabalhos. Durante o ensino médio participei de alguns seminários com a professora de sociologia, essas foram minhas primeiras experiências com esse tipo de trabalho, eram apresentações em grupos no auditório da escola.

Meu filho nasceu em 2008 e tive que parar de estudar pois era longe pra deixar ele recém nascido, em 2009 me matriculei e voltei a estudar , infelizmente não pude concluir o estudo nesse ano por conta de que meu filho adoeceu e precisei parar de estudar pra cuidar dele, pois ele precisou ficar internado no hospital com crises de asma e após sair tive que ficar em casa cuidando dele. No ano seguinte me matriculei novamente e consegui estudar até concluir, levando ele nos dias que não tinha com quem deixar ele em casa.

Durante minha jornada escolar tive alguns percalços que dificultaram um pouco para conseguir chegar na escola e de volta em casa , no início meu meio de transporte era a bicicleta que tinha que ir para o pontilhão e lá pegar o escolar , no início era só um caminho por onde transitávamos , em um certo ponto tínhamos que descer da bicicleta e atravessar segurando a bicicleta por cima de um miritizeiro por cima de um igarapé. Com a abertura do ramal vieram outras dificuldades pois nos tempos de chuva o ramal ficava atolado o que tornava a viagem demorada e desconfortável.

O que era para facilitar a viagem dificultava ainda mais, pois muitas vezes perdíamos o escolar por conta do atraso na viagem, além de não ter uma bicicleta boa para o transporte, lembro de um dia que fui andando juntamente com minhas primas e dois amigos nossos, saímos da casa da minha tia três horas da madrugada por baixo de chuva e quando estávamos próximo do pontilhão o escolar passou, então nos sentamos e descansamos para voltar andando novamente para a casa. Foram três anos utilizando bicicleta como transporte após esses anos começou a entrar um ônibus que nós levávamos até a estrada para pegar o escolar, o que facilitou nossa trajetória mas infelizmente não solucionou todos os problemas, pois muitos dias o ônibus pregava então tínhamos que voltar andando para a casa no horário de uma hora da tarde, sem contar as inúmeras vezes que o escolar pregava e ficávamos na estrada esperando consertar.



Após acabar meus estudos trabalhei em um projeto da escola o Programa Mais Educação. O Programa Mais Educação tem por finalidade contribuir para melhoria da aprendizagem por meio da ampliação de tempo de permanência de crianças, adolescentes e jovens matriculados em escola pública, mediante oferta de educação básica em tempo integral (Brasil, 2010). O programa foi criado pela portaria interministerial nº 17/2007 e regulamento pelo decreto 7.083/10 voltado para a alfabetização e letramento dos alunos. Trabalhava

com alunos do 1º ao 5º ano no período da tarde foi bem desafiador pois meu principal desafio foi a necessidade de fazer planos de aula diferentes para cada turma pois os níveis de letramento e alfabetização de cada turma era diferente e além das aulas de português ministrava também outras disciplinas como reforço para as aulas deles.

Durante essa jornada trabalhei em duas escolas diferentes, uma ficava perto de casa e a outra ficava longe então tinha que ir de bicicleta pois ficava mais afastada e demorava para chegar se fosse a pé. O projeto Mais Educação foi uma experiência prática na alfabetização e letramento dos alunos. Este sendo um programa do governo federal com a iniciativa de ampliar a jornada escolar e dar mais acesso a atividades



educativas complementares, com o objetivo de melhorar o aprendizado e desempenho escolar dos alunos.

Essa jornada entre duas escolas me proporcionou experiências diferentes, pois mesmo sendo escolas de uma mesma comunidade a realidade entre elas era bastante notável, enquanto a escola Nossa Senhora de Nazaré possuía quatro salas, banheiros, cozinha, biblioteca secretária e diretoria. O que facilitava meu trabalho, pois a estrutura era boa e nas salas continham carteiras e mesas para o estudo do aluno. A escola São Miguel funcionava em um barracão cedido para as crianças poderem ter acesso as aulas, na sala tinha apenas um quadro e cadeiras para as crianças se sentarem. No início foi um pouco difícil, até compreender as dificuldades de cada aluno, durante esse período pude notar que eles prestavam mais atenção e se dedicavam quando as aulas eram trabalhadas com jogos. Em 2014 tive minha filha e tive que me afastar do programa.

A trajetória escolar no ensino básico representou um processo marcado por desafios, superações e importantes aprendizagens que moldaram não apenas minha formação acadêmica, mas também minha identidade enquanto sujeito pertencente a uma comunidade quilombola. Desde os primeiros anos de estudo em condições estruturais limitadas, com aulas em espaços improvisados e deslocamentos difíceis, até a continuidade da escolarização na cidade, cada etapa exigiu esforço, persistência e determinação.

Mesmo diante das dificuldades socioeconômicas, das responsabilidades familiares e das situações adversas, como a doença e perda de meu irmão e os problemas de saúde de minha mãe, a educação sempre se manteve como o caminho possível para construir novos horizontes. O apoio de professores, familiares e pessoas que marcaram minha trajetória foi essencial para que a permanência escolar se concretizasse, reforçando o papel das redes de solidariedade na garantia do direito à educação.

Concluir o ensino básico não significou apenas ultrapassar uma etapa escolar, mas abrir um novo ciclo em minha vida. Foi esse percurso de resistência, dedicação e amadurecimento que me preparou para sonhar com a continuidade dos estudos e, posteriormente, ingressar no ensino superior. A chegada à universidade representou não apenas a realização de um objetivo pessoal, mas também a continuidade de uma caminhada iniciada ainda na infância, movida pela certeza de que a educação transforma vidas e amplia possibilidades, especialmente para estudantes de comunidades rurais e quilombolas que precisam superar barreiras para permanecer no sistema educacional.

Assim, o ensino médio encerra-se como uma fase de transição, marcada por desafios e conquistas, e ao mesmo tempo como o alicerce para uma nova etapa: a vida acadêmica no ensino superior, que permitirá aprofundar conhecimentos, fortalecer minha trajetória e honrar cada passo dado até aqui.

3 Memórias acadêmicas no ensino superior

Minha primeira tentativa de ingresso na universidade ocorreu no Processo Seletivo de 2017, por meio do PSE-IQ, seleção voltada a candidatos indígenas e quilombolas e realizada pela instituição Universidade Federal do Pará - UFPA. Esse processo é composto por duas etapas: uma prova de redação e uma entrevista. Naquele ano, não consegui a aprovação, ficando em terceiro lugar para apenas duas vagas ofertadas. No processo seletivo de 2018, infelizmente não consegui realizar a inscrição, pois perdi o prazo. Diante disso, decidi, ainda em 2018, matricular-me em um cursinho de redação oferecido na Biblioteca Pública. Esse curso foi fundamental para aprimorar minha escrita e fortalecer minhas habilidades textuais.

Em 2019, inscrevi-me novamente para o PSE-IQ. Realizei a redação, obtive uma boa pontuação e fui chamada para a segunda fase, a entrevista. Embora estivesse bastante nervosa e acreditasse que não teria bom desempenho, para minha surpresa e alegria, quando o resultado final foi divulgado, recebi a notícia por meio de minha tia de que finalmente havia sido aprovada. Assim, iniciava-se uma nova fase da minha vida, marcada por desafios inéditos, novas aprendizagens e a concretização de um sonho que vinha sendo construído ao longo de toda minha trajetória escolar.

O Processo Seletivo para Indígenas e Quilombolas (PSE-IQ) é direcionado a estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica que não possuem curso superior concluído. O PSE-IQ integra o conjunto de políticas de ações afirmativas da Universidade Federal do Pará (UFPA), cujo objetivo é garantir às populações tradicionais o direito de acesso ao ensino superior público e gratuito. Sua implementação atende ao que estabelecem a Lei nº 9.784, de 29 de janeiro de 1999; os Decretos nº 7.824/2012 e nº 8.727/2016; bem como as Resoluções nº 3.869/2009, nº 4.309/2012 (alterada pela nº 5.099/2018) e nº 5.942/2025, do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE). Essas legislações e normativas regulamentam as ações afirmativas e orientam os mecanismos de seleção, assegurando que estudantes indígenas e quilombolas tenham condições de disputar vagas de forma equitativa e com respeito às suas especificidades sociais e culturais.

Iniciei meus estudos no ensino superior no curso de Letras – Língua Portuguesa, em agosto de 2019, em uma turma composta por 42 alunos. No início do semestre, precisava deslocar-me para o campus de Abaetetuba ainda à tarde, aguardando o horário das aulas. Essa rotina, no entanto, mostrou-se bastante cansativa: saía de casa por volta das 13h20 e retornava somente após a meia-noite. A mudança de rotina também afetou minhas atividades diárias, pois até então dedicava as tardes e noites ao trabalho, fazendo e vendendo pastéis, além de vender churrasco juntamente com minha mãe. Com a nova realidade, grande parte desse tempo passou a ser ocupada pela longa jornada de deslocamento entre a universidade e minha residência, o que consumia quase doze horas por dia.

Ao longo dessa fase, vivenciei diversos acontecimentos que contribuíram significativamente para minha formação pessoal e acadêmica, possibilitando novos aprendizados, experiências e desafios característicos do ingresso na vida universitária. O primeiro semestre foi a iniciativa de muitas experiências meu primeiro seminário apresentando foi com o professor Pastana, através de um sorteio onde eram escolhidos dois integrantes de cada grupo para fazer a apresentação do trabalho e fui uma das sorteadas, embora tenha sido desafiador a apresentação do trabalho diante dos colegas que ainda não conhecia direito, essa experiência serviu para o meu desenvolvimento , pois a apresentação de trabalhos foi constante durante minha trajetória acadêmica.

O segundo semestre iniciou em Março de 2020 e o que parecia ser apenas só mais um semestre para se dedicar as novas disciplinas, infelizmente vieram desafios muitos maiores, pois estudamos apenas alguns dias e em seguida veio a pandemia e a necessidade de isolamento social resultou na suspensão das aulas presenciais, e os estudos tiveram que ser em modo online, essa transição embora necessária gerou novos desafios e não foi uma experiência boa, pois um desses desafios foi a questão da infraestrutura tecnológica pela falta de internet para acessar as aulas através do meet , nesse período não tinha acesso a internet e pouquíssimas pessoas na comunidade tinham internet instalada em suas casas o que dificultou bastante meu período de estudo online.

3.1 O estudo remoto na pandemia e depois dela

A ausência de internet de qualidade em minha casa fez me locomover até a casa do meu tio todos os dias para conseguir acessar, e assim ter uma conexão para assistir as aulas, sendo essa conexão difícil de acessar por ser uma qualidade baixa que ficava travando na hora de assistir as aulas, outra questão era a falta de notebook e celular com boa qualidade pois meu celular também não era bom o que dificultava ainda mais o meu

estudo. Pois além da dificuldade de conexão tinha o barulho, na casa do meu tio jogavam baralho a noite toda e com isso não conseguia ouvir direito as aulas e nem prestar atenção, pois , toda hora tinha gente passando e falando.

Após um tempo conseguimos comprar um aparelho de internet para instalar em casa o que facilitou um pouco mais para o meu acesso as aulas, mas não totalmente, por conta da conexão que não era muito boa, e infelizmente o problema de acesso persistiu resultando nas interrupções das aulas que quando caia a conexão eu tinha que sair e entrar no meet toda hora. E os piores momentos eram nas horas de apresentação de trabalhos e seminários em alguns momentos da apresentação caia a conexão da internet e não conseguia apresentar direito. Infelizmente foram alguns semestres que tivemos que estudar de forma remota para não atrasar muito nossos estudos.

Ainda que, no atual contexto, os sistemas educacionais busquem alternativas para se adaptarem à nova realidade, uma série de questionamentos vêm sendo enfrentados por todos os envolvidos no processo educacional (Oliveira; Souza, 2020). Tais questões rondam, por exemplo, dúvidas relacionadas a questões como “as aulas online contam, ou não, como dia letivo nas escolas de ensino presencial? O conteúdo repassado por meio remoto pode, ou não, ser considerado dado pelos professores?” (p.16). Os autores ainda ressaltam outras questões: será que todos os estudantes têm acesso aos recursos tecnológicos disponíveis? o papel da família nesse contexto permanece o mesmo ou modifica? todas as escolas apresentam condições para a utilização desses recursos tecnológicos? estariam, os professores, aptos a utilizarem tais recursos? como estes estudantes serão avaliados?

Depois de um tempo e finalmente após um isolamento e a aplicação de vacinas aos poucos podemos retornar as nossas rotinas e ter novamente aulas presenciais e novamente a adaptação de ensino remoto para presencial e assim pude participar de alguns eventos da Universidade, entre eles o que mais gostei foi uma oficina da semana do museu com o mestre André ele nos ensinou as artes de fazer pintura em barcos e escrever nomes de diferentes formas, pois além de ganhar carga horária com certificado fiz uma coisa que gosto, sempre gostei de pintar e desenhar, tanto que quando era criança pensava em seguir no curso de artes, até descobrir que me identificava com o curso de letras, desde pequena gostava de ler e escrever e também desenhava histórias em quadrinhos além de escrever pequenos contos para trabalhos escolares.

Ao retorno das aulas presenciais comecei a ir ao escolar que leva os alunos do estado para estudar no horário da noite, saia de casa 17h 20 para ir para o ramal esperar o

escolar que passava as 17.40 , pois ficava muito cansativo para ir no horário que ia antes. Chegava na Universidade por volta de 19.10 quando o escolar não pregava , quando acabava as aulas ficava na praça do barco esperando o escolar que saia as 23.00 horas para poder voltar para casa.

Em 2022 tive meu primeiro estágio que foi de observação , a escola que me acolheu para a realização desse estágio foi a escola Leônidas Monte com o professor Francisco que ministrava aulas em turmas do 9º ano do ensino fundamental, esse estágio foi de grande ajuda e muito importante para a minha preparação para o estágio seguinte o estágio 2 que seria agora de regência, e com as orientações da professora Helane voltei novamente para o Leônidas Monte e tive o privilégio de poder estagiar com o professor Francisco outra vez agora seguindo as orientações e conselhos que ele me dava pude concluir esse estágio sem percalços para me atrapalhar.



Durante minha permanência no estágio pude observar o quanto os alunos daquela turma respeitavam o professor e me senti muito feliz pois apesar da escola não está em situação muito boa quanto a estrutura e falta equipamentos e suportes para o professor dar uma aula de qualidade para os seus alunos , fomos bem recebidas e tratadas super bem , nesse estágio que foi em dupla, fiz juntamente com minha colega Gleice e nem um momento me senti, menosprezada pelo professor. Ao contrário durante todo o estágio ele conversava comigo e me dava dicas de como realizar uma boa aula.

Assumindo o enfrentamento de questões referentes aos discursos sobre as práticas, os estágios curriculares e os processos formativos de modo mais ampliado e, ao mesmo tempo, dedicando atenção às similaridades e discrepâncias entre as vozes e as ações destacadas, indícios de uma relação com o locus de cada agente podem ser observados no interior da obra. (Nörnberg, 2017, p.10).

Em 2024 deu-se início ao estágio no ensino médio, agora esses sendo realizados em escolas de Igarapé Miri, que por ser mais perto de casa optei por fazer pra lá. O estágio 3 sendo em observação em turmas do ensino médio, este sendo realizado em duas escolas, MAC e Enedina, este sendo em dupla fiz juntamente com Maria Rita, foi realizado

primeiro o estágio no MAC com a professora Cleide durante o período de duas semanas, após o término fomos para a Enedina para fazer estágio com a professora Aldenora. Fomos bem recebidas nas duas escolas, mas nos sentimos mais acolhidas na Enedina.

Por esse motivo apesar do MAC ser uma escola bem mais estruturada resolvemos fazer o estágio 4 de regência na Enedina com a professora Aldenora. Apesar de ter sido tranquilo esse período de estágio, foi uma grande responsabilidade, pois os alunos estavam em período de revisão para prova e o medo de não saber ensinar corretamente de um jeito que eles entendessem e aprendessem para poder fazer uma boa prova, felizmente contamos com a ajuda da professora e a colaboração dos alunos.



O estágio foi muito importante para a minha formação com docente, estando em escolas diferentes pude notar como é a realidade de uma escola para a outra e as diferenças, principalmente sendo escolas de municípios diferentes. Permitiu-me também desenvolver compreensão e interação com os alunos, aprendi a importância de fazer um plano de aula detalhado. E principalmente a responsabilidade de conduzir uma aula de regência, desde a elaboração de materiais didáticos, até a apresentação da aula prática na sala para os alunos. Essa experiência de regência é uma etapa indispensável para uma atuação profissional responsável e eficaz e é fundamental na formação do estudante.

Em 2024 ao iniciar mais um semestre infelizmente outro contratempo aconteceu para atrasar nosso estudo, em 15 de abril de 2024 deu-se início a greve nas universidades federais, o que afetou milhares de estudantes pois a greve durou cerca de 70 dias. E

ficamos esperando para poder retornar nossas aulas. Durante o período greve só conseguimos fazer o estágio por ser fora da universidade pois estava tudo parado.

Em todo o território paraense, cerca de 100 mil estudantes estão matriculados em cursos técnicos e de graduações nas universidades federais e no Instituto Federal do Pará (IFPA). Na última quinta-feira (23), durante assembleia geral no campus Guamá da Universidade Federal do Pará, professores e técnicos que trabalham nas instituições federais de Ensino recusaram a proposta do Ministério de Gestão e Inovação em Serviços Públicos de reajuste salarial zero em 2024 e aumento de 13,3% a 31% até 2026 e decidiram pela continuação da greve. O movimento pede recomposição salarial, reestruturação da carreira, revogação de atos autoritários e contrarreformas, a recomposição orçamentária e a isonomia entre aposentados e não aposentados.

O estágio tanto de observação como o de regência e um dos momentos mais importantes na vida do estudante, essa experiência é uma etapa fundamental para o desenvolvimento e aprendizado. É o momento em que se tem a oportunidade de colocar em prática tudo aquilo que vem aprendendo, onde tem-se a possibilidade de passar apenas da teoria para a prática, onde faz-se necessário a adaptação e criatividade para se colocar em prática na realidade o que estava apenas em textos e livros. Em suma, o estágio apesar de ser obrigatório é fundamental para a formação do estagiário como futuros professores, pois através dele adquire-se o auto-conhecimento e se é capaz de entender e acompanhar a realidade de cada aluno. É o ganho de experiências e aprendizado de participar de diferentes tipos de metodologias de ensino.

Durante minha jornada acadêmica tive a oportunidade de aprender, com muitas experiências que me ajudaram, seminários, apresentações de trabalho, entre essas experiências uma das mais desafiadoras foi a apresentação do seminário com o professor Robson, que foi no auditório aberto para o público, onde os desafios iniciaram com a montagem do trabalho, nossa equipe ficou com a temática de lendas através de podcast, com o objetivo de montar uma sequência didática para trabalhar em sala de aula. Primeiramente foi feita uma entrevista com uma professora e foi apresentado em sala de aula e a partir daí deu-se início a elaboração da sequência didática, com trabalho em equipe e esforço conseguimos finalizar a tempo para fazer a apresentação, apesar de já ter apresentado vários seminários, era minha primeira apresentação fora de sala de aula e com várias pessoas que não eram apenas meus colegas de sala de aula aos que estava acostumada a apresentar. Felizmente apesar do nervosismo por estar diante de pessoas diferentes, consegui apresentar o seminário.

Uma disciplina que achei interessante foi a de libras com a professora Márcia as dinâmicas que por ela utilizadas eram ótimas, apesar de ter um primo surdo não tinha contato com a língua de sinais, foi uma das experiências mais marcantes nessa trajetória na Universidade, pois além de aprender um pouco tive a noção de como é difícil para pessoas não falantes a comunicação com pessoas que são falantes . Para a apresentação de nosso seminário contamos com a ajuda do Mailson, irmão da Rita que nos ajudou bastante ensinando e ensaiando para conseguirmos fazer uma boa apresentação agradeço bastante a ele pois sem essa ajuda não teria conseguido fazer uma boa apresentação.



Algumas disciplinas, por meio de abordagens pedagógicas e aplicação de dinâmicas que me foram familiares do meu ensino básico tanto do fundamental quanto do médio como a disciplina de inglês instrumental com a professora Camille, que ao utilizar a música em aula como ferramenta didática, me fez recordar minhas aulas de inglês onde o professor levava um rádio e cópias de músicas em inglês para a turma cantar. Onde esse recurso estratégico transformava a sala de aula em ambiente mais dinâmico, essa abordagem nos estimulava a aprender muito mais do que só passar os conteúdos no quadro. Pois ao se fazer a análise da canção no papel está se estimulando o pensamento e a capacidade de interpretação.

Outra disciplina foi de Literatura Infanto Juvenil com o professor Ezequiel em que utilizou a dinâmica de apresentação de contos através da encenação da peça no teatro, o que era uma prática comum no ensino básico, pequenas apresentações teatrais nas aulas de artes , já no contexto acadêmico na universidade, vai muito além de uma simples encenação, o uso dessa metodologia estimula as habilidades essenciais para uma boa

formação, também de ajudar na colaboração do trabalho em equipe, pois a prática teatral exige colaboração e confiança entre os participantes.

Minha jornada acadêmica durou cerca de 6 anos, com início em 2019 e término em 2025, durante esse período na universidade aconteceram vários contratemplos que dificultaram minha permanência para estudar. Infelizmente foram muitos então vou relatar apenas alguns. Para chegar na universidade dependia do ônibus escolar e aí chegar em Abaetetuba pegava mototáxi, pois, já chegava atrasada sendo que o único meio de transporte para ir do interior para a cidade era o escolar por conta que no horário da noite não há ônibus fazendo viagem. Muitas vezes cheguei muito atrasada para as aulas, o escolar parava na estrada e tinha que esperar conserto para continuar a viagem tiveram dias que cheguei nove horas da noite ou até mais na UFPA, e algumas vezes nem consegui chegar, nem todas as vezes conseguiam conserto o ônibus. Algumas vezes o imprevisto foram greves na estrada que ocorreram com bastante frequência impossibilitando a nossa passagem. Inclusive por conta de uma greve não pude participar da última aula que a turma teve. Inúmeras vezes escapamos de acidentes com o escolar, em uma delas foi quando estava indo no escolar da tarde para fazer estágio e no trevo do Moju uma carreta quase bateu no escolar. Durante esses anos de uso do escolar tiveram três tentativas de assalto no nosso escolar e um assalto, felizmente nesse dia eu não estava.



Considerações Finais

Portanto, ao escrever este memorial, pude revisitar minha trajetória escolar, iniciada ainda na Pré-escola, marcada por grande importância no processo de alfabetização e consolidada ao longo de um percurso desafiador até alcançar o Ensino Superior. Os anos dedicados ao estudo contribuíram para o desenvolvimento do meu raciocínio, ampliaram minha visão de mundo e reforçaram o desejo contínuo pela busca do conhecimento.

Os desafios enfrentados ao longo desse caminho foram fundamentais para o meu amadurecimento, permitindo que eu valorizasse cada etapa da minha formação. Sinto-me profundamente grata por ter tido a oportunidade de concluir o ensino básico e, posteriormente, ingressar em uma universidade, algo que não esteve ao alcance de todos ao meu redor.

As experiências acumuladas durante essa caminhada fortaleceram meu compromisso em oferecer o melhor desempenho possível na futura atuação profissional, mantendo viva a disposição de continuar aprendendo. Afinal, a conclusão desta etapa não representa um ponto final, mas o início de uma nova fase, na qual poderei aplicar e expandir os conhecimentos construídos ao longo de todos esses anos.

Referências

ARROYO, Miguel G. *Ofício de mestre: imagens e autoimagens*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

<https://www.nucleodeconhecimento.com.br>

https://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-38762021000301368

<https://g1.globo.com/google/amp/pa/para/noticia/2024/05/25/semestre-afetado-greve-nas-universidades-e-instituto-federal-atinge-mais-de-100-mil-estudantes-no-para.ghtml>

<https://www.scielo.br/j/ld/a/v5TFnSbxnLWsySGJ4WvGt8j/?lang=pt>

<https://www.seduc.pa.gov.br/noticia/10322-seduc-amplia-some-para-25-localidades-do->

[para#:~:text=S%C3%A3o%20comunidades%20onde%20n%C3%A3o%20%C3%A9,escolar%20e%20outros%20recursos%20pedag%C3%B3gicos](https://www.seduc.pa.gov.br/noticia/10322-seduc-amplia-some-para-25-localidades-do-para#:~:text=S%C3%A3o%20comunidades%20onde%20n%C3%A3o%20%C3%A9,escolar%20e%20outros%20recursos%20pedag%C3%B3gicos)